

## **Discurso do Pr no dia da Libertação da África Austral**

- Excelências Chefes de Estado e de Governo da África Austral;**
- Caros Combatentes da Batalha do Cuíto Cuanavale;**
- Ilustres Convidados;**
- Minhas Senhoras, Meus Senhores,**

Ao nos deslocarmos hoje, 23 de Março, a esta localidade do Cuíto Cuanavale antes desconhecida, nós, os Chefes de Estado, de Governo ou seus representantes dos países desta nossa região da África Austral, bem como da Rússia, de Cuba, e de Embaixadas acreditadas no nosso país, pretendemos com este gesto render uma singela homenagem a todos os combatentes da liberdade que pereceram nesta batalha, assim como às populações que sofreram igualmente as consequências da invasão das tropas do exército sul-africano do regime do "apartheid".

Vimos celebrar uma data histórica não só para a África Austral, para o nosso continente mas também para o Mundo, pela importância que assume no contexto da luta global que o Mundo travou durante anos contra o "apartheid", regime segregacionista que defendia a supremacia branca sobre todas as demais etnias e culturas que habitavam não só o território sul-africano mas de uma forma geral o território dos países da nossa região, a África Austral.

Neste local em que hoje nos encontramos, foi derrotado o exército do regime racista sul-africano, abrindo-se assim as portas para a Independência da Namíbia, para a libertação de Nelson Mandela e, conseqüentemente, para o fim do "apartheid" e para a paz e a estabilidade política e económica de toda a região.

Por essa razão, os países membros da SADC decidiram, por unanimidade, adoptar o 23 de Março como o Dia da Libertação da África Austral. Com essa decisão, foi prestada uma merecida homenagem aos valorosos combatentes angolanos que, com coragem e determinação, enfrentaram e venceram a máquina de guerra do "apartheid", e foi exaltada também a irmandade e solidariedade dos nossos povos.

São esses laços fraternais e solidários, forjados num passado de resistência ao racismo, à opressão e à segregação racial, que pretendemos consolidar no presente e projectar no futuro, através do desenvolvimento, do progresso social e do bem-estar das nossas populações.

A República de Angola sente-se orgulhosa por este feito histórico, que pôs fim ao mito da invencibilidade das forças do "apartheid", ter sido simbolicamente adoptado como o Dia da Libertação da África Austral e reitera os seus agradecimentos a todos os Estados membros da SADC por terem tomado tão justa decisão.

Estão aqui presentes alguns dos principais protagonistas desta relevante saga histórica, que realizaram actos de coragem, heroicidade e determinação.

Infelizmente, entre os ausentes, estão alguns dos melhores filhos dos nossos países, que perderam a vida ou ficaram mutilados e traumatizados para sempre.

No entanto, todos eles se mantiveram firmes e com elevado sentido de dever nesta localidade do Cuíto Cuanavale, de Dezembro de 1987 a Março de 1988, cumprindo a nobre missão de proteger vidas humanas, de garantir a soberania e integridade do nosso território e de defender não só a Pátria angolana, mas também a liberdade e dignidade de toda África.

Estava em causa o nosso destino como povos irmãos e solidários. Foi esse sentimento que motivou as nossas unidades militares a defender a todo o custo o território nacional, porque em caso de serem derrotadas, vingaria o plano estratégico do regime do "apartheid", que consistia em legitimar a base do poder da minoria branca, destruindo o ANC da África do Sul, eliminando a SWAPO da Namíbia e forçando os países da região a integrarem uma □constelação de Estados□ controlada pelo "apartheid" a partir de Pretória.

Todo esse plano macabro fracassou, graças também à tenacidade e perseverança dos povos, unidos numa Linha da Frente criada em 1976 com o objectivo de coordenar esforços e estratégias de apoio aos Movimentos de Libertação da África Austral.

A força e capacidade demonstradas no combate pela liberdade e independência levou a comunidade internacional a reconhecer essa aliança como a principal força de oposição ao "apartheid".

Além dessa preocupação de ordem política e militar, os Estados da Linha da Frente tinham também nas suas prioridades o desenvolvimento económico e social dos seus povos.

Era necessário fazer frente aos perigos da política agressiva, militarista e expansionista do "apartheid", mas ao mesmo tempo, garantir o progresso e o bem-estar das respectivas populações.

Foi nesse contexto que os dirigentes dos países da Linha da Frente decidiram criar a 1 de Abril de 1980, em Lusaka, capital da Zâmbia, a Conferência para a Coordenação e Desenvolvimento da África Austral (SADCC), no sentido de harmonizar as políticas económicas dos países da região, de modo a reduzir a sua dependência económica em relação ao regime do "apartheid".

Esta foi uma luta solidária entre nossos países e povos e com esse espírito a SADCC evoluiu para a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), capaz de garantir o desenvolvimento sustentável dos nossos países.

É neste mesmo quadro de irmandade e solidariedade entre nós, que estamos aqui reunidos numa data que envolve todos os países e povos da região Austral de África e que deve ser recordada e celebrada pela presente e futuras gerações, para que nunca sejam esquecidos os sacrifícios consentidos, para hoje podermos trilhar juntos os caminhos da paz, da segurança, da liberdade, da justiça e da democracia.

**Excelências,  
Minhas Senhoras, Meus Senhores**

Nossa vitória comum sobre o regime do "apartheid" remonta aos anos 60 quando a Tanzânia e a Zâmbia acolheram o MPLA de Angola, a FRELIMO de Moçambique, a ZANU e a ZAPU do Zimbabwe, para a partir desses países treinarem seus combatentes e organizarem a luta armada de libertação nacional que os levaria a alcançar a Independência Nacional na década de 70.

O nosso reconhecimento ao Presidente Julius Nyerere e ao povo tanzaniano, ao Presidente Kenneth Kaunda e ao povo zambiano, por tudo quanto fizeram pela causa da libertação dos nossos povos do colonialismo.

Com a queda do colonialismo, restava aos africanos se livrarem de um mal igual ou pior que o colonialismo, o "apartheid" da África do Sul, que oprimia não só o povo sul-africano mas ameaçava estender os seus tentáculos a toda a região Austral de África impondo o mesmo modelo de governação segregacionista.

Nessa luta contou sobretudo a determinação do povo sul-africano liderado pelo ANC e seu braço armado, assim como do povo namibiano liderado pela SWAPO e seu respectivo braço armado.

Mas se por um lado reconhecemos que esta vitória sobre o regime do "apartheid" começou a ser incubada, forjada, no passado da luta anti-colonial, sem sombra de dúvidas que foi aqui no Cuíto Cuanavale, com a batalha com o mesmo nome, que o 23 de Março de 1988 se tornou no decisivo ponto de viragem, quando Pretória percebeu que os seus modernos tanques de guerra ficaram carbonizados e retorcidos, quando começou a receber os caixões com os restos mortais daqueles a quem se lhes tinha inculcado o mito da invencibilidade do exército do "apartheid".

De Dezembro de 1987 a Março de 1988, a correlação de forças no terreno tinha mudado, a realidade era bem diferente, a pressão sobre o regime, das famílias que perderam para sempre seus filhos, mudou a opinião pública interna sobre a guerra contra Angola e a sobrevivência do próprio "apartheid" começou a ser posta em causa também a nível internacional.

Nos documentos secretos que têm vindo a ser desclassificados e divulgados, os próprios altos comandos das forças do "apartheid" envolvidas na batalha do Cuíto Cuanavale, no Triângulo do Tumpo e em Samaria, reconhecem que a derrota do exército invasor se deveu, em primeiro lugar, à determinação, tenacidade, bravura e patriotismo dos

valorosos combatentes das FAPLA, lideradas pelo seu Comandante-Em-Chefe, na altura o Presidente José Eduardo dos Santos.

Desde meados dos anos 40 que se sabe que o espaço que vai entre o arquipélago das Bermudas no Caribe, o sul da Flórida e a cidade de San Juan em Porto Rico, constituindo um triângulo virtual a que se convencionou chamar o Triângulo das Bermudas, constitui uma zona perigosa para as marinhas e para a aviação, pelo elevado número de navios naufragados e aviões desaparecidos misteriosamente naquele oceano, pela força da Natureza.

As forças e meios do exército sul-africano que ousaram penetrar no Triângulo do Tumpo aqui no Cuíto Cuanavale, pelo elevado número de tanques, meios blindados, canhões, outro tipo de técnica militar destruídos ou capturados e homens abatidos ou feridos nessa localidade, engolidos não pela força da Natureza mas pela bravura dos angolanos das FAPLA, encontraram aqui em plena África o seu triângulo das Bermudas.

Cuíto Cuanavale foi a maior batalha convencional a sul do Sahara depois da Segunda Guerra Mundial, aquela que envolveu de ambas as partes o maior número de jactos caça-bombardeiros e de helicópteros, de tanques de guerra e outros veículos blindados, o maior número de peças de artilharia de grande calibre e alcance.

O exército inimigo sofreu pesadas baixas materiais e humanas, entre tanques de guerra Oliphant, carros de assalto Ratel, transportadores Samil e Unimogs draga-minas, canhões auto-propulsados G-5 e G-6 em tal número que levou o alto comando militar sul-africano a suspender as operações Hooper e Packer nas quais depositavam grande esperança caso fossem bem sucedidas.

Levou ainda à substituição forçada de vários comandantes da frente de combate, casos do 61º Batalhão Mecanizado e outros, pelo elevado número de baixas sofrido, pelo mau desempenho na condução das operações, pela incapacidade de romper as linhas de defesa da 25ª Brigada das FAPLA e outras posições estrategicamente bem defendidas.

Derrotado o exército do regime do "apartheid", seguiu-se uma fase de negociações sobre o processo de paz em Angola e sobre a regularização do conflito que então grassava sobre o Sudoeste de África por forma a estabelecerem-se as bases sobre as quais se resolveu a questão da Independência da Namíbia e do restabelecimento da Paz em Angola.

Com esta finalidade, a ronda de negociações entre delegações de Angola, Cuba, África do Sul e Estados Unidos da América tiveram lugar no mês de Maio de 1988, em Londres e em Brazzaville, seguindo-se no Cairo, Nova Iorque e Genebra, onde se chegou finalmente a um protocolo sobre um conjunto de princípios, tendo-se anunciado um cessar-fogo provisório.

As partes concordaram em estabelecer uma data limite para a assinatura de um acordo tripartido entre Angola, África do Sul e Cuba. A 1 de Setembro, as tropas sul-africanas concluíram a sua retirada do território angolano, e a África do Sul e a SWAPO concordaram também com a imediata entrada em vigor de um cessar-fogo na Namíbia.

A 13 de Dezembro de 1988, foi assinado o Protocolo de Brazzaville entre os governos de Angola, Cuba e África do Sul e no dia 22 em Nova Iorque foram assinados o Acordo Tripartido entre Angola, Cuba e África do Sul para a paz em Angola e para a Independência da Namíbia, historicamente conhecidos como □ Os Acordos de Nova Iorque □, e o Acordo Bilateral entre Angola e Cuba para a retirada total das forças cubanas de Angola, que já havia iniciado aos 25 de Outubro.

Foi, portanto, a derrota do exército racista sul-africano no Cuíto Cuanavale e a posterior capitulação do regime do "apartheid", que tornaram possível a implementação da Resolução 435/78 do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, na base da qual se efectivou o processo da Independência da Namíbia e a libertação de Nelson Mandela.

Nesse esforço de guerra e resistência, Angola contou com o inquestionável apoio da então União Soviética e da República de Cuba, cujos filhos verteram o seu sangue no nosso solo pátrio.

Seria uma enorme ingratidão não reconhecer e deixar de agradecer hoje o contributo decisivo que eles deram para o fim do "apartheid" e para a libertação da África Austral.

**Excelências,**

**Caros Convidados,**

**Minhas Senhoras, Meus Senhores**

A Nação angolana presta uma merecida homenagem a todos os combatentes que nas várias frentes lutaram pela liberdade e independência da África Austral.

Para que os seus sacrifícios e o sangue derramado não tenham sido em vão, os nossos Estados pugnam hoje pela paz e democracia, pelo desenvolvimento económico e social dos nossos países.

Nossos países constroem hoje sociedades multirraciais onde o que conta não é a cor da pele ou dos olhos, mas o simples facto de sermos todos seres humanos que devem ter as mesmas obrigações, os mesmos direitos e as mesmas oportunidades.

Foi por essa razão que lutámos pela nossa Independência e para a defesa da soberania e integridade do território nacional.

**Excelências**

**Chefes de Estado e de Governo**

**Estimados Convidados**

**Heroicos Combatentes do Cuíto Cuanavale**

**Minhas Senhoras, Meus Senhores**

Cuíto Cuanavale é um ponto localizado no Cuando Cubango em Angola mas a batalha que aqui teve lugar nos anos de 1987/88 e que definiu o nosso destino comum livre do "apartheid" é por isso um património histórico comum a todos os povos da África Austral.

Com estas palavras, agradeço a presença de todos nesta cerimónia solene e saúdo o Dia da Libertação da África Austral.

**Muito Obrigado!**

**Discurso de Sua Excelência o Presidente da República, João Lourenço,  
na IX Assembleia Parlamentar da Comunidade dos Países de Língua  
Portuguesa**

**-Excelência Sr. Presidente da Assembleia Parlamentar da CPLP e  
Presidente da Assembleia Nacional de Cabo-Verde, Jorge Pedro  
Maurício dos Santos,**

**-Excelência Sr. Presidente da Assembleia Nacional de Angola,  
Fernando da Piedade Dias dos Santos,**

**-Excelências Srs Presidentes dos Parlamentos Nacionais da CPLP,**

**-Excelentíssimos Srs Deputados,**

**-Excelentíssimos Srs membros do Executivo;**

**-Digníssimos membros do Corpo Diplomático acreditado em Angola;**

**-Estimados Convidados,**

**-Minhas Senhoras, Meus Senhores,**

Foi com bastante agrado que anuí ao convite formulado pelo Senhor Presidente da Assembleia Nacional de Angola para proceder à abertura desta IX Assembleia Parlamentar da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A minha presença nesta cerimónia solene constitui uma ocasião ímpar para partilhar com os representantes dos povos da nossa Comunidade de Língua Portuguesa, o calor da amizade e testemunhar a expressão da solidariedade que une os nossos povos e Estados.

Esta é a segunda vez que o nosso país acolhe este evento, depois de já o ter feito em Novembro de 2013, o que evidencia o compromisso do Estado angolano para com a agenda da CPLP em geral, e da sua Assembleia Parlamentar em particular.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa é, para Angola, um espaço geopolítico de renovada importância nas suas relações internacionais, sustentado pelos seculares laços de irmandade que ligam os nossos povos, pela língua comum, hoje património cultural de todos.

Passados cerca de vinte e três anos desde a sua criação em Lisboa pelos Chefes de Estado e de Governo, posso afirmar que os objectivos que nortearam a criação da CPLP continuam actuais e que os seus fundadores podem orgulhar-se desta gesta e do legado que deixam para as gerações vindouras.

Os pouco mais de duzentos e setenta milhões de habitantes da nossa Comunidade continuam a olhar para a CPLP com esperança renovada, apesar das dificuldades de percurso.

No pretérito dia 5 de Maio, comemorámos o Dia Internacional da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, língua que nos une por ser não só a língua de Luís de Camões como de Jorge Amado, de José Craveirinha, de Germano Almeida, de Luís Cardoso de Noronha, de

Agostinho Neto ou de Pepetela, entre outros destacados homens da cultura e literatura de língua portuguesa.

Porém, mesmo sendo património mundial, a questão da sua promoção em fóruns internacionais continua a ser um desafio para os nossos Estados. Apelo, por isso, ao compromisso e empenho dos membros desta Assembleia Parlamentar para este desafio que é de todos nós.

Aproveito ainda para saudar os esforços da Guiné Equatorial relativamente à promoção da língua portuguesa no seu sistema de ensino, sabendo não ser uma empreitada fácil mas facilitada pelo facto de poder contar com o apoio dos demais Estados membros.

Excelências,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

O lema da IX Assembleia Parlamentar da CPLP diz respeito a uma questão bastante sensível para os Estados membros, por se tratar da mobilidade no espaço da Comunidade.

Ao nível dos governos da CPLP, este assunto tem sido amplamente debatido. Na XII Conferência de Chefes de Estado e de Governo da CPLP realizada em Santa Maria, Cabo-Verde, em Julho de 2018, foi adoptada a “*Declaração sobre as Pessoas e a Mobilidade na CPLP*”.

Estamos cientes que a inserção dos nossos países em várias regiões geopolíticas e de integração regional, pode eventualmente constituir



obstáculo à sua concretização. Todavia, o importante é estarmos firmemente empenhados nos objectivos que almejamos com o seu estabelecimento, para que superados os entraves de ordem legal e política, possa de facto, contribuir para a consolidação da CPLP.

Enquanto não for efectiva a mobilidade neste quadro, Angola celebrou acordos de isenção de vistos em passaportes diplomáticos e de serviço com a maior parte dos Estados Membros da CPLP.

Este expediente é um mecanismo de dinamização da circulação no espaço da Comunidade e, quiçá, uma base para a remoção de alguns entraves na circulação de pessoas, particularmente de estudantes e empresários.

Para a maioria dos cidadãos estrangeiros no geral, turistas e empresários, adoptámos uma nova política migratória que simplifica o processo de obtenção do visto ordinário e introduziu uma nova categoria, o visto do investidor.

Falando de investimento, importa realçar aqui a necessidade de trabalharmos no sentido de tornarmos a CPLP também num espaço privilegiado de comércio e cooperação económica entre os Estados membros, que faça jus aos laços históricos de língua e cultura comuns que nos unem ao longo de séculos.

## **Senhores Presidentes dos Parlamentos da CPLP**

### **Minhas Senhoras, Meus Senhores**

Constato com satisfação que todas as delegações aqui presentes não descuraram a questão do género, gesto que sinaliza a preocupação dos

Estados Membros para com a justa e equilibrada representatividade nos órgãos de tomada de decisão.

Neste particular, destaco o facto de, na estrutura da Assembleia Parlamentar da CPLP, existir uma Rede de Mulheres Parlamentares que engrandece o trabalho da Organização.

O alcance da igualdade do género e o empoderamento das mulheres constitui um dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável aprovados pelas Nações Unidas em Setembro de 2015.

Ciente dessa realidade, o nosso país tem uma política do género que já permitiu, entre outras coisas, aumentar o nível de representatividade de mulheres nos cargos políticos, seja no poder Legislativo, no Executivo ou ainda no Judicial.

Ainda sobre o género, destaco a questão da violência doméstica, um assunto recorrente e presente em todas realidades, que tem merecido maior atenção da Assembleia Nacional, que aprovou em 2011 legislação sobre esta matéria, cujos resultados são notáveis em números e na mobilização da sociedade contra a violência.

**Excelências,**

**Minhas Senhoras, Meus Senhores**

A Agenda desta Assembleia Plenária prevê igualmente abordar os processos eleitorais nos Estados Membros da CPLP. É animador constatar que os senhores Deputados e Senadores têm participado em missões de observação eleitoral realizadas no âmbito da Comunidade, testemunhando *in loco* o estado de democratização dos nossos países.

Os relatórios de observação são, regra geral, unânimes na constatação de que na generalidade, a situação política na Comunidade é estável e que a vontade dos povos tem sido respeitada nos sucessivos pleitos realizados.

Congratulamo-nos com os avanços positivos verificados na Guiné Bissau com vista à constituição do governo e à possibilidade da realização das eleições presidenciais no decorrer do corrente ano.

Na senda das eleições, o nosso país realizará pela primeira vez eleições autárquicas. Considerando a necessidade de se alcançarem consensos sobre matérias sensíveis do quadro jurídico em análise nesta Assembleia Nacional, o país acompanha e aguarda com expectativa o seu desfecho.

**Excelências,**

**Minhas Senhoras, Meus Senhores**

Finalmente, da vossa agenda consta também a questão da instalação, em Luanda, da sede do Secretariado Permanente desta Organização Interparlamentar. Da parte do meu Executivo, tem merecido toda atenção e estou seguro de que este Secretariado Permanente é um instrumento relevante para a organização e funcionamento da Assembleia Parlamentar da CPLP.

Estamos cientes que, enquanto órgão da CPLP, a eficácia desta Assembleia Parlamentar também depende da existência de serviços administrativos permanentes e robustos.

Termino augurando que a IX Assembleia Parlamentar da CPLP alcance os objectivos preconizados e reitero o empenho da República de Angola de tudo fazer no sentido de reforçar os ancestrais laços de amizade que unem os nossos povos e Estados. Estejam certos de que Angola continuará a elevar bem alto a bandeira da nossa irmandade, solidariedade e fraternidade.

Muito Obrigado.